

Mensagem ao Leitor



Quem deve saber Ergonomia?

Vamos lá, senhoras e senhores!

Nesse ano o Segurito já pode votar, pois chegou aos 16 anos e está na indecisão entre eleger a Proteção ou a Prevenção (pode ter certeza que os dois candidatos irão trazer Segurança), mas o que não há dúvidas é na qualidade dos textos enviados por profissionais renomados na nossa área. Você irá ler sobre Ergonomia, Perspectivas para 2022, Crescimento Profissional, Indenizações judiciais e muito mais.

Lógico que não esquecemos de manter o humor para que você, entre uma leitura e uma fatia de bolo, leia uma piada e sorria com a gente.

Veja abaixo quem está comemorando junto com a gente:

- Alexandre Demetrius

Promotor de Justiça no Estado de SP

- Alisson Klein

Fisioterapeuta do Trabalho

- Anniele Martins

Fisioterapeuta do Trabalho

- Gustavo Rezende de Souza

Técnico de Segurança do Trabalho

- José Marcelo Penteado

Médico do Trabalho

- Maria Rita Casagrande

Fisioterapeuta do trabalho

- Mário Fantazzini

Engenheiro de Segurança do Trabalho

Antes de ligar a caixa de som, arrumar a mesa com os salgados, acabar de encher os balões e liberar o salão para iniciar a festa, gostaria de agradecer por sua companhia ao longo desses dezesseis anos de informação com prevenção.

Mas vamos de deixar de enrolação e começar as comemorações.

Prof. Mário Sobral Jr.

A resposta é simples e rápida: Todos Dentro de um SESMT não há que se falar que a responsabilidade da ergonomia recaia apenas sobre o profissional fisioterapeuta. Médicos devem ser exímios conhecedores da área, pois sem esse saber profundo não poderão estabelecer, com o grau de certeza necessária, se a doença do trabalhador possui ou não relação com a atividade executada. Técnicos e Engenheiros, através de uma ergonomia bem realizada, evitam muitos acidentes de trabalho. Gerentes de produção com conhecimento em ergonomia serão capazes de entender o quanto as questões organizacionais interferem na produtividade do trabalhador. Os principais objetivos da ergonomia são sem dúvida alguma, a satisfação e o conforto dos trabalhadores, mas é também a sua prática adequada que impede os colaboradores de apresentarem danos à sua saúde.



A ergonomia é uma ciência transdisciplinar e desta maneira busca a compreensão dos fenômenos e a aquisição de conhecimentos de modo holístico atravessando de forma transversal por todas as disciplinas relacionadas. Preservando a área de conhecimento e de trabalho de cada profissional, quando os diferentes atores do SESMT se sentam à mesa para a discussão de um posto de trabalho, ambiente de trabalho, máquina, contexto organizacional ou psicossocial, ainda mais acompanhados dos próprios trabalhadores, terão resultados muito mais promissores e verdadeiros. Iniciamos o ano de 2022 com os conceitos de Gestão de Riscos Ocupacionais, onde a Ergonomia tem local assegurado de relevante importância. Portanto convido a todos a se aprofundarem nesses conhecimentos.

Dr. José Marcelo de Oliveira Penteado
Especialista em Medicina do Trabalho e
Especialista em Perícia Médica

Nesta obra, o autor, Auditor Fiscal do Trabalho com mais de 15 anos de experiência na área da SST, além de explicar a NR01 para quem não atua na área, também comenta alguns pontos a respeito dos Autos de Infração que são lavrados quando a Inspeção do Trabalho encontra irregularidades nos estabelecimentos fiscalizados.



BOA LEITURA!

PGR E GRO PARA LEIGOS:
Explicando a NR 1
Alexandre Sabino

Piadinhas

O marido fala para a esposa: - Querida te prepara que hoje a noite vai ser quente!!!

- Uiiii! Jura amor!

- Sim, acabei de verificar que o ar condicionado está quebrado

O paciente chega no consultório e o médico diz:

- Bom dia, tudo bem?

- Tudo sim, Doutor.

- Ótimo, então já pode ir embora.



Expectativas com a SST em 2022

Olá meus caros, espero que vocês estejam bem. Fico muito feliz por estar contribuindo mais uma vez com o “Jornal Segurito” do meu amigo Mário Sobral !!!



Neste ano vejo muitas possibilidades de crescimento, bem como de oportunidade para os profissionais de segurança do trabalho, o cardápio está cheio! Temos o eSocial (e por consequência a adequação do Laudo Técnico das Condições do Ambiente do Trabalho – LTCAT que muitas empresas sequer possuem), a transição do PPRA para o PGR, treinamentos, consultoria técnica não apenas para empresas, mas também para escritórios de contabilidade e recursos humanos que estão demandando cada vez mais o serviço de consultorias de saúde e segurança do trabalho (claro que nem todas, alguns profissionais destas áreas se julgam engenheiros ou técnicos de segurança do trabalho, mas situações irão existir sempre), além da demanda por

profissionais cada vez mais qualificados por parte das empresas para compor o seu SESMT! Sim eu sei que algumas pessoas que vão ler este trecho vão discordar completamente de mim, mas como sempre digo, todo ponto de vista depende da perspectiva, experiência, emoção, racionalidade, entre outros fatores que afetam direta e indiretamente a capacidade de julgamento e de visão de mercado.

Mas acreditem, como consultor técnico e professor, vejo que as empresas que levam a SST mais a sério estão sempre buscando profissionais que tenham uma capacidade técnica atrelada aos softs skills, ou seja, habilidades comportamentais e pessoais que estão muito além da competência técnica, resiliência, empatia, capacidade de comunicação, visão sistêmica, cooperação, entre outras habilidades são fundamentais para estar apto a concorrer as vagas que realmente valorizam os prevencionistas. Apesar de toda turbulência que estamos vivendo, seja pela pandemia ou mesmo pelo contexto social que viveremos com mais intensidade em 2022, deixo uma mensagem de otimismo aos leitores e espero que este seja o ano onde você decida dar o próximo passo e seguir em frente na sua carreira profissional! Siga em frente com determinação e saiba que nem sempre tudo dará certo, se planeje, mas saiba que assim como tudo pode ser planejado na vida tudo também é incerto,

frustrações, alegrias e conquistas fazem parte das nossas vidas, mas de verdade acredite em você!

E como sempre, para aqueles que querem estar preparados, eu indico que continuem prestigiando e apoiando o “Jornal Segurito”, nele sempre terão o seu porto seguro de informações e um pouco de descontração promovida pelo amigo Sobral.

Mais uma vez desejo vida longa ao “Jornal Segurito”!

Um grande abraço a todos vocês.

Gustavo Rezende de Souza – Higienista Ocupacional Certificado pela ABHO

Piadinhas

Ontem um ladrão entrou lá em casa e disse que ia revirar tudo até achar dinheiro. Fui ajudar na esperança que ele achasse algo.

- Você é muito bonita!
- Obrigada.
- Será que é possível ter algo entre nós?
- Claro que sim!
- Tipo namoro ou até casamento?
- Não, tipo uma parede.

Dizem que tudo que vai volta. Acho que meu dinheiro se perdeu pelo caminho.

Você tem um “plano B” para as atividades críticas?

CONCEITO:

Um plano B é uma maneira de dizer que a gente tem uma alternativa operacional caso a forma principal e básica de se realizar algo falhe. UM plano B:

- Deve ser tão eficaz quanto o plano principal
- Deve se manter operacional até o final da tarefa
- Não deve ser considerado como uma solução permanente. Permanente é a forma principal.
- Deve, portanto, ser aceito temporariamente, mas suficientemente seguro para ser aceito como um Plano B
- Para que um plano B seja aceito como suficientemente seguro, outras ações de suporte podem ter que estar presentes. Não é uma “gambiarra”.

AS ATIVIDADES CRÍTICAS

São aquelas cujas falhas representam um risco inaceitável para as pessoas e para o sistema. São normalmente atividades que já possuem providências e dispositivos de segurança previstos. Entretanto, será inaceitável que as medidas preventivas ou

corretivas falhem. Daí a necessidade de um Plano B.

AS MUITAS CARAS DE UM PLANO B

As características de um Plano B frequentemente já estão incluídas nos sistemas de alta segurança, como a redundância (mais itens para fazer a mesma coisa) ou a diversidade (formas diferentes de fazer a mesma coisa, por ex., bomba de incêndio Diesel e bomba de incêndio elétrica).

Nas tarefas críticas, como nos espaços confinados, a supervisão ou o observador de tarefa representa o plano B, com a resposta adequada.

Plano B é a essência da atividade de resgate, de resposta a emergências.

Recursos, pessoal, logística e comunicações devem estar rigorosamente previstas, planejadas e treinadas.

Quando se trata de tarefas ou atividades, buscam-se as maneiras alternativas de se conseguir o mesmo objetivo, com segurança. Se um controlador automático de vazão falhar, um operador pode exercer controle manual temporário, mantendo a atividade operacional e segura.

Toda atividade que inclua tarefas críticas pode ser analisada para a estruturação de um plano B adequado. Considere a seguinte planilha. Ela é simples, mas obriga a pensar e vai ajudá-lo a ter um plano B para as suas atividades críticas. Vale para o seu trabalho, para a sua família, para a vida.

ATIVIDADE / PROCEDIMENTO / OPERAÇÃO

Passo	Tarefa	Salvaguardas (*) previstas (prevenção e controle)	O que fazer se a salvaguarda falhar (Plano B)	Observações
1				

(*) as salvaguardas são entendidas como fundamentais ou críticas para a segurança da tarefa.

Mário Fantazzini – Engenheiro de Segurança do Trabalho e Higienista Ocupacional



Passos para o crescimento profissional

Nesse texto, resolvi falar sobre alguns princípios que me ajudaram a trilhar um pouco da minha carreira e nos quais acredito que um bom profissional de ergonomia e SST devam focar. Obviamente, não são exatamente todos os pontos que vão compor um bom profissional, mas são pontos importantes que você deve observar.



Vá além do seu conhecimento de formação acadêmica. Traga sempre à tona seu conhecimento geral, sua vivência em campo, seu conhecimento adquirido de palestras e networkings, enriqueça seu trabalho para que você se sinta segura(o). Organize e reorganize tudo o que é necessário para você atuar, tanto profissionalmente quanto pessoalmente, se prepare e parta para a ação. Ser profissional de SST é saber vender. Seus serviços são solucionadores de problemas. Profissionais da área de saúde e segurança atuam solucionando problemas a todo tempo, recomendam mudanças, estudam o cenário, discutem casos e promovem melhorias no ambiente. Só que para que isso chegue ao mercado, você precisa saber vender seus conhecimentos e serviços.

Invista na sua vida profissional, seu conhecimento vale ouro. Um equívoco bem comum que já observei em algumas pessoas é achar que um único curso vai resolver todos os problemas dela. Lógico, alguns cursos abrem a cabeça através da didática e da abordagem diferenciada, porém às vezes a linguagem é tão técnica que você não absorve muita coisa e pensa: "será que vou conseguir usar isso em campo?".

Em outro cenário, temos aquele que nunca se sente 100% pronto. Não adianta você se encher de curso se você não põe em prática. "Ah, mas eu não me sinto preparada(o)". Se você está no seu 3º curso e não se preparou ainda, o problema é que você está com medo de "pôr o pé na água" e de se permitir errar.

Algo muito curioso, é que eu realmente necessito ter esse sentimento de que

melhorei, e deveria me preocupar se não fosse dessa maneira, se eu olhasse para minha primeira AET e não sentisse necessidade de mudar nada: seria um indicativo que não evolui um único degrau durante a minha carreira.

Se coloque em ação. Depois de decidir a base dos seus princípios, decida como vai atuar no mercado, desenhe toda a trajetória que você tem em mente e vá a campo: distribua currículos, faça networking, entre em contato com empresas de auxílios de vagas de empregos. Se coloque em movimento, faça isso independente da forma que você atua, seja prestador de serviço, CLT ou autônomo: Entre no LinkedIn, faça contatos, comunique-se. É imprescindível para seu crescimento profissional.

Decida qual a qualidade do seu serviço e se empenhe. Dê valor a sua responsabilidade técnica e isso de fato envolve muita disposição, posicionamento, laudos, relatórios e não é só porque você está começando que você deve se colocar para baixo. Não seja aquela pessoa que na hora de bater no peito e assumir o documento que você mesmo assinou, ou a ação que você promoveu, fica envergonhado e tenta se esconder como pode.

Não haja dessa forma, até mesmo porque 90% dos profissionais de saúde e segurança possuem o seu registro em algum conselho e devem se autovalorizar antes de querer que os outros e o mercado o valorizem. Muito do que eu disse, pode parecer óbvio, mas até óbvio precisa ser dito e vivido.

*Maria Rita Casagrande
Fisioterapeuta do trabalho*

Gestão funcional para uma verdadeira cultura ocupacional

Em comemoração aos 16 anos do Jornal Segurito a dica que posso dar para todo profissional de saúde e segurança do trabalho é exatamente inspirada nesse célebre meio de comunicação e de conhecimento da nossa área.

Para chegar até aqui hoje e completar os seus 16 anos de história, o Jornal Segurito precisou de constância em suas publicações, constância na qualidade do seu material, constância na coleta das informações, na edição e nas entrevistas. Se você quer ter conhecimento e se sentir seguro para aplicar uma lei ou norma, estude constantemente. Se você quer ser visto como um profissional que ao longo do tempo só evolui, tenha constância nas soluções dos problemas. Se você quer ter um corpo atleta e saudável tenha constância nos exercícios físicos e na alimentação saudável. Se você está começando sua vida profissional, seja constante nos hábitos que te tornarão o profissional experiente que você deseja. Se você já é um profissional experiente seja constante nos hábitos que te manterão em destaque no mercado de trabalho.

A constância é o que separa o vendedor que vende muito e o vendedor que vende pouco, pois o que vendeu muito, foi constante na oferta. A constância é o que separa o atleta que pontuou muito no jogo do atleta que desistiu ao receber o primeiro ponto.

O poder da constância é te levar aonde você deseja chegar. Minha dica sem dúvida é: tenha constância. Desejo vida longa ao Jornal Segurito.

*Anniele Martins
Fisioterapeuta do Trabalho*

Piadinhas

- Qual é a panela que está sempre triste?
- A panela depressão.



- O que estará escrito na lápide do Papai Noel?
- Ele não está mais em trenós.



Era uma vez uma galinha de uma perna só. Ela foi ciscar e caiu.



Maçã Mãe

Maçã Filha

- O que aconteceu com o ferro de passar que caiu da mesa?
- Ficou passando mal.



Na oficina, o mecânico pergunta:
- Sr. Manuel, seu carro é automático?
- É manual.
- Desculpe. Sr. Manual, seu carro é automático?



No consultório médico:
- Anne, saíram os resultados do seu exame.
- O que eu tenho, doutora?
- Anemia.
- Miau.



Indenizações judiciais elevadas melhoram as perspectivas de segurança no trabalho?

É frequente a argumentação nos meios prevencionistas segundo a qual, elevando-se os valores de indenizações a serem pagas por empregadores em processos judiciais por infortúnios do trabalho, traríamos melhoria nas práticas de segurança. Para os defensores dessa tese, o aumento do rigor judicial na fixação dos montantes indenizatórios traria solução eficiente ao baixo grau de investimento percebido em prevenção.

A questão que se põe é: o argumento supracitado procede? Quais seriam seus efeitos e consequências? Tentaremos responder brevemente neste artigo.



Em princípio, o argumento traz consigo boa parcela de verdade: aumentar o valor das indenizações a serem pagas pelos empregadores traz aumento do risco a que estes se sujeitam ao não investir em práticas prevencionistas. Incrementando-se a sanção indenizatória, é provável que empregadores mais avessos a riscos prefiram o investimento em prevenção a incorrer em importantes custos.

Mas, fosse tão simples a resolução dessa questão, já a teríamos solucionado. Indenizações judiciais vultosas são realidade no Brasil há certo tempo e nem por isso se constata melhorias substanciais no investimento em segurança. Por quê?

Primeiro porque não basta exacerbar valores de indenização. Incorrer em indenizações não é uma certeza, mas uma probabilidade. Assim, seria preciso que se aumentasse a probabilidade e a percepção de sua aplicação concreta. E aí temos um primeiro gargalo.

Deixando de lado as adversidades de nosso sistema processual e judicial, há um problema de psicologia econômica bem explorado pelo ilustre Daniel Kahneman, vencedor do Nobel, em sua prospect theory. Vamos explicar com um exemplo: imagine que um gênio lhe oferecesse duas alternativas: ganhar R\$ 1 milhão com 100% de chance ou R\$ 2 milhões com 50%. O que preferiria? E se tratássemos de uma perda: preferiria perder R\$ 1 milhão com 100% de certeza ou R\$ 2 milhões com 50%? A maioria das pessoas escolhe, para o ganho, a certeza (ganhar R\$ 1 milhão

com 100%), mas prefere a alternativa de risco para a perda (R\$ 2 milhões com 50%). Nessa linha, a tendência inicial dos seres humanos (e também dos empregadores), diante de uma perspectiva de perda, será optar pelo risco e não investir em prevenção, acreditando que o evento indenizatório não se aplique ao seu caso. Obviamente, essa tendência não é absoluta, mas necessita de um grande esforço para ser superada, que passa por aspectos muito mais complexos que aumentar valores indenizatórios.

Os problemas das indenizações elevadas, entretanto, não terminam por aí.

Como se sabe, economicamente, empresas costumam se situar na condição de repassadoras de preços. Isso quer dizer que boa parte de seus custos não são suportados por elas próprias, mas repassados para os consumidores, na forma de preços mais altos (a depender da elasticidade da demanda), ou aos trabalhadores, na forma de menor remuneração ou menos emprego.

Assim, conquanto indenizações elevadas possam beneficiar o trabalhador vítima do infortúnio, poderão fazê-lo em detrimento dos demais trabalhadores, para quem os ônus econômicos frequentemente são repassados. Tal situação ainda é pior no caso de o empregador não conseguir suportar os encargos indenizatórios e ter sua falência decretada.

Por fim, há ainda um problema mais sério em indenizações muito altas. É que se corre o risco de criar incentivos para que o trabalhador, em alguns casos, prefira se acidentat ou adoecer com o fim de receber indenização, a investir em sua própria segurança e saúde, colaborando com boas práticas prevencionistas. Tal fenômeno, aliás, é semelhante à tão criticada monetização do risco, derivada do pagamento dos adicionais de insalubridade e de periculosidade na legislação brasileira, em que se verifica contraditória preferência de alguns trabalhadores e sindicatos pelo risco laboral em contraponto à redução de parcela remuneratória.

Portanto, indenizações elevadas não são “balas de prata” para o problema proposto: não implicam investimentos imediatos, podem prejudicar os trabalhadores em repasses de custos e ainda podem reduzir os incentivos de prevenção.

Cabe citar famoso adágio, que adverte que é preciso ter cuidado com o que se deseja, pois pode se tornar realidade. Ele contém implícita a lição de que a realidade não é tão simples nem tão sem consequências como se imagina no momento inicial em que o desejo ocorre.

Alexandre Demetrius Pereira
Promotor de Justiça do Estado de SP.

Ergonomia Estratégica

Desde o surgimento da NR17, na não tão distante década de 70, os profissionais da saúde e segurança do trabalho passaram a se familiarizar com termos como AET – Análise Ergonômica do Trabalho, risco ergonômico, conforto e respeito às características psicofisiológicas do indivíduo. Assim a ergonomia foi fazendo parte das organizações, ampliando sua influência a cada dia.

Porém este movimento gerou a “ergonóia” onde as empresas se viam reféns dos consultores e dos profissionais de SESMT tendo que atender a obrigação legal sem saber o motivo e benefícios de buscar a ergonomia. A consequência desta situação é que a maior parte das empresas coloca a ergonomia como custo e não como investimento, e visualiza a AET, ou o malfadado “laudo ergonômico” como o suprassumo da ergonomia na empresa e a expressão de custo, que ainda gera outros custos sem retorno perceptível.

Isso acontece porque infelizmente nestas empresas a ergonomia não foi institucionalizada na sua estrutura como processo ou política sistêmica, e apenas como um documento que tem que ser feito anualmente, desta maneira os valores gastos na ergonomia são para não ter outros problemas como multas ou prejuízos causados por reclusões trabalhistas.

Reforçando este cenário aparecem os profissionais que vendem a ergonomia de laudo mesmo, repleto de checklists e ferramentas simplórias que mal avaliam uma ou outra situação sem avaliar o trabalho e muito menos a relação homem-trabalho.

Para vencer esta situação, a dica é começar com uma análise da maturidade da ergonomia na empresa, e implementar a ergonomia com estratégica, traçando uma rota para que a ergonomia permeie todos os processos e possa ser decisiva na construção de uma nova condição.

Outro ponto importante é inovar e passar a ver o trabalho integralmente, não apenas alguns instantes, para isso o uso de um sistema como o KINEBOT se torna decisivo para que de fato todos os movimentos sejam avaliados, dando a segurança da existência e importância das posturas inadequadas.

A boa ergonomia se distancia da “ergonóia” justamente por não colocar os gestores como perseguidos e sim como condutores de um processo de renovação que eleva a condição do trabalho, tornando a ergonomia parte de todos os processos ela deixa de ser custo e um investimento com ROI muito favorável. A ergonomia pode ser aplicada em camadas, gerando um ciclo virtuoso de melhorias contínuas. Para isso basta transformar a ergonomia em estratégia na empresa!

Alisson Klein – Fisioterapeuta do Trabalho